

A alegre fuzarca infernal

O início de mais um ano letivo novamente suscita uma série de questões. Será que este ano haverá progressos no quesito qualidade ou o samba-enredo vai atravessar outra vez? Haverá menos greves entre os professores e serão evitadas paralisações injustificadas, frente a boatos de epidemias? As reformas necessárias nos estabelecimentos públicos terão sido feitas ou tetos e paredes cairão como confetes?

Dentre esse pacote de questões, que se desenrolam como serpentinhas, emerge outra, igualmente relevante: nossa escola, finalmente, conseguirá estabelecer um cerco ao avanço da droga nos estabelecimentos de ensino e na sociedade, mediante um adequado trabalho de prevenção?

Um "bobódromo" denuncia-

do nos arredores de uma universidade em Cascavel mostra que a preocupação com as drogas "legais", como o tabaco e o álcool, e ilícitas, como a maconha e o crack, não se limita ao assédio que os traficantes fazem sobre as tenras mentalidades das crianças em idade escolar. Ela percorre toda a estrutura de ensino, da base ao superior, da mesma forma que se espalha pelo conjunto da sociedade e não toma conhecimento de classes sociais: droga-se o miserável com crack e merla, a classe média e os ricos com a cocaína e uma salada que vai das drogas populares ao ecstasy.

Uma salada, aliás, que inclui novos ingredientes, como

a assustadora "cápsula do medo" e o oxi ou paco. Sem a intenção de semear o temor entre as famílias, mas no sentido de alertá-las, é preciso dizer que além dos princípios alucinógenos ou modificadores da consciência que tais substân-

Muita dor e sofrimento resultam da escravização de famílias inteiras aos esquemas criminosos; familiares sofrem uma dependência similar

cias apresentam, elas trazem ingredientes assustadores. Eles certamente vão destruir a saúde física e mental das crianças e jovens que se deixarem levar para o vício.

A "cápsula do medo" é feita à base de cristais utilizados

em venenos para matar ratos. O oxi (abreviatura de oxidado) ou paco são uma variante pioneira do crack: neste, mistura-se bicarbonato e amoníaco ao cloridrato de cocaína; no oxi, adiciona-se querosene e cal virgem. É um cigarro barato, o lixo da cocaína, ainda mais tóxico do que o crack, coisa até difícil de imaginar.

Não é sem razão, portanto, que os pais anseiam por uma escola que não só aprimore seu conteúdo educacional, como também zele pela saúde de seus filhos, motivando-os a desenvolver atividades produtivas e prazerosas para não se deixarem arrastar pelo cordão insensível e doentio do tráfico.

Muita dor e sofrimento resul-

tam da escravização de famílias inteiras aos esquemas criminosos: familiares com dependências químicas sofrem uma dependência similar, que pode se misturar à depressão e também levar às drogas como lenitivo para o sofrimento psíquico. É uma rede de armadilhas tecida sobre toda a sociedade. E a escola é seu alvo permanente.

Sempre que ocorre uma apreensão volumosa, tem-se a impressão de que o combate às drogas aumentou, mas essas enormes cargas apreendidas apenas sinalizam que aumentou a capilaridade do sistema de transporte e abastecimento de drogas. O que precisa aumentar é o tratamento aos doentes e cercar crianças e jovens do carinho e da atenção necessários para que não mergulhem na alegre fuzarca infernal da alienação e da droga.

Os Dias e a telepatia

ayrton baptista

Os irmãos e senadores Álvaro e Osmar Dias podem estar divergindo em alguns pontos da política paranaense, ambos pretendentes ao Governo. É natural cada um procurar a forma mais apropriada segundo sua ótica de enfrentar os problemas, já que traçam a mesma meta. Estão, pois, em campos opostos. Em termos. Neste momento, mesmo com as divergências, mais parece que jogam afinados, senão em jogo combinado, por telepatia com transmissão em três dimensões. Álvaro consegue adiar os propósitos de Beto Richa de já ter saído como o candidato do PSDB à sucessão

de Roberto Requião. Ora, se há alguém interessado numa definição mais urgente, este é o prefeito de Curitiba, já quase às vésperas de renunciar se for o caso, até 3 de abril e livremente poder revigorar a campanha que já detonou. O senador Álvaro Dias, ao menos em parte, consegue seu objetivo e leva para mais adiante (Beto acha que é esta semana) uma decisão dos tucanos.

Por sua vez, Osmar Dias agora se agarra numa possível obrigação de o PMDB ter que ampliar a aliança entre o PDT e o PT e para tanto, entende que o intermediário deve ser o Partido dos Trabalhadores. Ora, é evidente o propósito do senador bajulado por Lula, Dilma e o PT paranaense. Talvez, não lhe reste

outro caminho a não ser o de aventurar-se a apoiar Dilma e esperar pelo melhor. Mas até o fato consumado, obviamente ainda alimente esperança de que o comando do PSDB consiga afastar Álvaro e Beto, surgindo ele como o tercius, recebendo o apoio mais palatável ao seu próprio eleitorado.

Difícil que Álvaro e Osmar consigam seus objetivos. Mas colocar pedras no caminho ajuda a uma formulação capaz de colocar cada um na posição de redor de um apoio mais explícito. Principalmente Osmar. Ele sabe o preço alto que pagará em apoiar Dilma, mas quer Lula no palanque, o PT inteiro ao seu lado, a começar por Gleisi Hoffmann na vice. E, mais agora, o PMDB que viria inteiro ao aos

pedaços, com Requião ou não. Ele procura uma fórmula capaz de, no mínimo rachar o PMDB. Um empate nessas circunstâncias já é um passo importante, uma jogada inteligente. Para tanto, com Gleisi na chapa (difícil, mas não custa tentar), facilita o objetivo de Requião em chegar tranquilo ao Senado. Saindo Gleisi e o tucano não dando chances a Gustavo Fruet, o campo fica mais favorável ao atual governador. E, em consequência, pode dar alento à caminhada do presidente do PP, deputado Ricardo Barros.

Bem faz o PMDB em realizar reuniões em diversos municípios e regiões do Estado, tratando de deslanchar para as eleições que já se avizinham, tanto para governador como ao Sena-

do (leia-se Roberto Requião) à Câmara Federal e à Assembléia Legislativa, cujos candidatos continuam reacios de Pessuti não empolgar e eles sofrerem as consequências. Ademais, partido existe para isso. Sendo claramente um grupo, não é o todo. Sendo partido tem que se mostrar e debater com os seus correligionários. O que não pode é um partido político realizar acordos brancos, de forma a facilitar a vida de uns poucos em detrimento de posições programáticas e ideológicas, se que é ainda se pode falar assim em termos mais altos. Acordo branco é a negação dos propósitos de um partido político.

Ayrton Baptista é jornalista - abnticias@abcom.com.br

A vida por um fio

jack szymanski

Um grave acidente na Rodovia Fernão Dias, na semana passada, resultou na morte de oito pessoas, entre elas uma criança de dois anos. Outras 16 pessoas ficaram feridas. O ônibus com 39 passageiros atravessou para a pista contrária e atingiu dois automóveis e um caminhão. Passageiros afirmam que o veículo trafegava em alta velocidade e o motorista tentou parar jogando o ônibus contra a mureta central. Ao atingir o muro, o veículo virou, atravessou para a pista contrária e se arrastou até o acostamento. As janelas estouraram e muitas pessoas foram arremessadas para a parte do

ônibus que estava em contato com o asfalto, sendo arrastadas no chão ou esmagadas pelo veículo. Quando a Polícia Rodoviária Federal desvirou o ônibus, partes de corpos ficaram espalhados pela pista.

Todos os oito mortos eram passageiros do ônibus. O porta-voz da empresa de ônibus afirmou que existe uma percepção clara de que o cinto de segurança fez muita diferença entre quem sobreviveu ou não. Testemunhas afirmaram ter visto corpos sendo arremessados do ônibus após o choque contra a mureta central da rodovia. Já os passageiros que estavam atados ao cinto, sobreviveram sem grandes ferimentos.

O uso do cinto de segurança

é obrigatório em viagens rodoviárias e fiscalizar o uso do equipamento é responsabilidade das empresas e do motorista. O número de mortos e feridos em acidentes de ônibus

Percepção clara de que o cinto de segurança fez muita diferença entre sobreviver ou perder a vida

nas estradas poderia ser reduzido em até 80%, se os passageiros tomassem esta medida simples e suficiente para evitar o pior. Segundo especialistas, o uso deveria partir de uma

ação consciente e responsável, pois a proteção evita o chamado segundo impacto, pois numa parada brusca, o passageiro pode atingir outro com peso até nove vezes maior. O primeiro impacto é o do ônibus contra o objeto e o segundo é do passageiro contra quem está na frente. A pessoa, presa ao cinto, não vai bater com a cabeça, o tórax e abdômen, e se machucará menos. Isto certamente fará diferença em termos de trauma e lesão. Todos os dados mostram que o passageiro socorrido após uma colisão, se sai andando, é porque usava cinto de segurança.

Os trágicos números das estradas levam a uma constatação preocupante: a falta de compromisso do homem com

a sua segurança. Se já não bastam as ultrapassagens perigosas, inclusive pelo acostamento, as manobras imprudentes e o excesso de velocidade, a maioria "prefere" correr o risco de morrer ou de passar o resto da vida em uma cadeira de rodas pela resistência ao cinto de segurança, com desculpas inaceitáveis. Os relatos de pessoas que saíram ileso de tragédias porque não o rejeitaram, justificam a importância do equipamento, principalmente porque o que mais existe nas estradas brasileiras é o pouco apego à vida.

Jack Szymanski é médico oftalmologista com especialização em Medicina de Tráfego - szymanski@brturbo.com.br

bastidores



“Retorno ao trabalho, sob pena de multa diária de R\$ 100 mil, para cada empresa”

Da desembargadora Rosemarie Diedrichs Pimpão, em relação às transportadoras de valores

“Fins medicinais”

Enriquecimento de urânio e uso de energia atômica apavoram em qualquer lugar do mundo. Mais ainda quando acontece num país governado pelo radicalismo, como o Irã do presidente Ahmadinejad. Pois bem, ele acaba de informar a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) que o país começa hoje (9) o processo de enriquecimento de urânio a 20%. Mas fiquem tranquilos: “garante” o iraniano que a produção é destinada para fins medicinais. Entre os poucos que não duvidam do propósito está o Presidente Lula.

Irmão perigoso

Ela tem três anos e a irmã, só 25 dias. O maiorzinho não gostou nada de perder as mordomias de filho único. E já tinha a mania de arremessar brinquedos pela janela da residência no bairro Jardim dos Prados, capital paulista. Somem-se os componentes do quadro e o garoto jogou a irmãzinha na tarde de domingo. Os pais disseram à polícia que estavam dormindo quando o menino os acordou, dizendo que havia jogado o bebê, encontrado caído no quintal do vizinho. Aparentemente não houve ferimentos graves.

Cidade maravilhosa

Depois de Ronald Biggs, o inglês do assalto ao trem pagador, vieram outros como o terrorista italiano César Bettisti, que escolheram o Rio de Janeiro para se refugiarem e acabaram presos. Agora é um catarinense, com várias condenações por tráfico de drogas na Europa, que acaba de ser preso. Orlando Pereira, que possui mais sete condenações no Brasil, estava em um apartamento de Copacabana. Está para trás das grades.

Gripe suína: H1N1 - a dúvida continua...

célio pezza

Em julho de 2009 fizemos uma crônica sobre a famigerada crise de gripe suína, denominada Influenza A (H1N1), colocando em dúvidas se era uma pandemia real ou não. Comentamos alguns fatos interessantes a respeito de quem estava por trás dos grandes laboratórios farmacêuticos e de seus ganhos astronômicos com a venda de vacinas por eles fabricadas. Segundo dados oficiais da OMS (Organização Mundial da Saúde), a gripe comum mata só nos EUA entre 30 a 40 mil pessoas por ano. Já a gripe suína matou no mundo todo desde março de 2009 até janeiro de 2010, perto de 14.800 pessoas.

O médico alemão Wolfgang Wodarg, presidente do Conselho

Europeu de Saúde foi contundente: “a falsa pandemia decretada pela OMS foi um dos maiores escândalos da medicina do século”. Ele sugere que os “grandes laboratórios forçaram a decisão da OMS e um grupo de pessoas desta organização está ligado intimamente com a indústria farmacêutica” e recebem alguns milhões de dólares desta indústria. Pede uma rigorosa apuração da influência da indústria farmacêutica nas decisões da OMS.

O epidemiologista inglês Tom Jefferson afirmou que não havia razões para a OMS decretar uma pandemia e que havia uma indústria à espera dela. A OMS saiu a campo logo em seguida afirmando que é “essencial uma cooperação do setor privado de vários setores para manter os avanços das melhorias na saúde

de pública de hoje e do futuro” (leia-se receber fundos das indústrias farmacêuticas).

A França quer cancelar o fornecimento de 50 milhões de doses de vacinas, dos 90 milhões que tinha encomendado, pois menos de 10% da população está disposta a ser vacinada mesmo depois da milionária campanha a favor da vacinação. Um tremendo prejuízo para os cofres públicos franceses.

Na Suíça, 85% da população se recusam a ser vacinada e o próprio governo colocou algumas restrições à vacinação de mulheres grávidas, após duas mortes causadas pela vacina. O governo suíço procura compradores para repassar as doses que comprou.

Alemanha também tem um corte de 50% nas vacinas adquiridas e culpa a OMS pela pre-

ocupação em classificar a gripe como pandemia. O mesmo está acontecendo na Holanda, Espanha e outros países da Europa. O fato é que em países a população não quer ser vacinada.

Segundo dados da OMS, ONU e UNICEF, morrem por ano em todo o mundo perto de 60 milhões de pessoas (pouco menos de 1% da população mundial); deste total, temos aproximadamente 7,5 milhões de doenças cardíacas, 6,0 milhões de derrames, 2,0 milhões de AIDS, 1,7 milhões por tuberculose e perto de 500 mil por problemas ligados a gripe comum e suas complicações e assim por diante.

Segundo a ONU, nove milhões de pessoas morrem de fome ou de doenças dela derivadas por ano no mundo. Deste total, 75% são crianças com

idade abaixo de 5 anos. Isto significa que morrem 6,7 milhões de crianças por “falta de comida”, perto de 18 mil por dia ou cinco a cada segundo!

Se classificarmos a Fome como uma doença, será uma pandemia, mas com uma grande diferença: é combatida facilmente e pode ser eliminada simplesmente com um pouco de comida. Imaginem se alguém comentasse com vocês que existe um mundo onde deixam morrer de fome cinco de suas crianças por segundo e, o pior é que sabem disto e que existem até relatórios oficiais sobre esta situação. O que você iria dizer deste local? Com certeza teria vergonha de dizer: é verdade! Eu moro lá!

Célio Pezza é escritor - henrique@ralco.com.br

Esqueceram de avisar o Simon

walter zimmermann

Não se pode descartar de toda a possibilidade de nosso temperamental e explosivo governador retornar a Brasília na condição de senador. Mesmo porque estaria encerrando sua carreira no cenário onde sempre ganhou a vida, para ele e toda a família, já que outra coisa nunca fez. No Congresso, especialmente no Senado da República, poderia destilar seu veneno, mesmo que a conta-gotas. Naquele serpentário, deixaria de ser absoluto e teria de repartir terreno minado de seres tão perigosos quanto.

O quadro político, no momento, pode ser visto como preocupante para Requião. Recentemen-

te, quando parecia esboçar temperamento mais maneiro, lascou-se em Londrina, diante de manifestantes. E, quando vi uma única pessoa sair em sua defesa, apresentando-se diante das câmeras, reconheci a figura. Não contive uma gargalhada, pensando: logo você, Feijó! O homem que disparava alguns tiros contra lâmpadas, ao sair “alegre” nas madrugadas da Biele.

Não fosse Pessuti, qual seria o candidato do PMDB? Requião só abriu as portas da solitária, onde sempre procurou manter seu vice, na hora de jogar-lhe aos leões. O governador não quer ver ninguém do PMDB assumindo seu lugar. Como sabe que sua eleição para o Senado não pode ser vista como favas contadas,

preocupase ao imaginar um longo período de ostracismo. Esperanto como sempre foi, já deve ter um plano B, mesmo que tenha de curtir carência de quatro anos.

O desgaste de Requião pode estar deixando peemedebistas – até gente que estaria por merecer um mandato ou reeleição, preocupados. Pessuti, mais que ninguém. Subir no mesmo palanque, na hora de pedir votos? Requião poderá ser salvo pela falta de nomes fortes para as duas vagas. Levando-se em conta que uma delas, teoricamente, ficaria com Gleisi Hoffmann, ele encontra raia mais livre para emparelhar com a loirinha do PT.

Quanto à jogada do governador, se dizendo candidato à presidência, só bobo não sabe tratar-se de

golpe de marketing, trucada de facção. O que me chamou a atenção nessa história foi a ingenuidade do grande senador Pedro Simon, ao pedir apoio a Requião. Logo ele, uma das poucas reservas morais, um, digamos..., sobrevivente daquele mar de lama de Brasília. Ninguém se lembrou de avisá-lo.

Em matéria de predicados morais, Simon sempre foi imbatível. Quando se tenta separar alguns poucos grãos de trigo, no meio de todo aquele joio, retira-se logo o gaúcho, que, talvez já cansado de tanta guerra em favor da verdade e da honra, esteja com uma nuvem de fumaça a turvar-lhe os olhos. Sacanagem essa, dos mais chegados ao velho senador, esquecerem de falar toda a verdade sobre o homem, que vem aí com

mais um chumaço de promessas ao eleitor paranaense.

Sabe-se que Simon, sendo homem de partido como sempre foi, prefere perder com candidato próprio, a continuar vendo seu PMDB em berço esplêndido, mamando nas tetas governamentais, até a última gota ou, último pingo de vergonha. Chego achar que o falecido PFL morreu foi de constrangimento, por ter tido seu título de maior partido governista esmagado pela extraordinária façanha de seu antigo adversário, hoje filosoficamente desfigurado, porém de barriga cheia. Te cuida, Simon! Gaúcho bom não deixa qualquer um dormir em seus pelegos.

walter zimmermann é jornalista - walterzimmermann@hotmail.com